

Comunidades Quilombolas no telejornalismo: Análise das Representações Sociais no Telejornal JMTV 1ª Edição¹

Danilo Borges e Silva de ARAÚJO²

Giovana Borges MESQUITA³

Universidade Federal de Pernambuco, RECIFE, PE

RESUMO

O trabalho é fruto de uma pesquisa mais ampla, que analisa como a imagem dos quilombolas é construída por dois telejornais de maior audiência na Bahia e no Maranhão (estados com maiores números de comunidades quilombolas). Para esse artigo nos deteremos no JMTV1^a, telejornal que possui uma cobertura de 100% do estado do Maranhão. Analisamos todas as edições jornalísticas no período de 2012 a 2019, disponíveis na plataforma Globoplay. No período foram veiculados 20 conteúdos com a temática quilombola. Nossa abordagem teórico-metodológica baseia-se na Teoria das Representações Sociais e, na Teoria do Jornalismo, de forma mais específica, na Teoria Construcionista. Destacamos que as imagens dos quilombolas são criadas pelo telejornal com produções de estigmas e estereótipos.

Palavras-chave: Telejornalismo; Teoria das Representações Sociais; Jornalismo; Construção Social da Realidade; Quilombolas.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa – Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Doutorando do Curso de Comunicação do PPGCOM da UFPE, email: dbsadanilo@gmail.com.

³ Doutora em Comunicação, Professora do curso de Comunicação Social UFPE, email: giovana.mesquita@ufpe.br

INTRODUÇÃO

A televisão, desde o seu advento, desempenhou um papel transformador na maneira como as pessoas consomem informações e entretenimento. Com a capacidade de transmitir imagens e sons diretamente para os lares das pessoas, ela revolucionou a sociedade e se tornou uma das principais fontes de notícias e conteúdo audiovisual em todo o mundo. Em um cenário midiático onde os meios de comunicação moldam a nossa percepção do mundo, a televisão destaca-se como um dos influenciadores mais poderosos (Castells, 1999).

Ao estudarmos o terreno do telejornalismo, nos deparamos, primeiramente, com uma análise ampla sobre o próprio Jornalismo, que transcende as limitações de um único conceito. Conforme analisado por Temer (2010), o telejornalismo encapsula a essência do Jornalismo na esfera televisiva, trazendo consigo as particularidades e desafios dessa plataforma. No cerne dessa discussão, encontramos a diversidade de definições do Jornalismo, o que resulta em abordagens variadas em relação ao conceito de realidade. Alguns o consideram um espelho dos acontecimentos, enquanto outros defendem que o Jornalismo desempenha um papel ativo na construção dessa realidade. Dentro desse contexto, a televisão assume um papel central como veículo de comunicação. Castells (1999) observa que ela exerce uma profunda influência sobre "a linguagem da comunicação societal", enquanto Traquina (1993) enfatiza que o Jornalismo tem um impacto significativo na construção social da realidade. Essa visão é compartilhada por acadêmicos como Vizeu e Correia (2008), que afirmam que "o jornalismo tem como referência a realidade, o mundo vivido, o cotidiano repleto de fatos e eventos" (Vizeu e Correia, 2008, p.29).

Emerge então a importância da televisão no cotidiano das pessoas, sublinhada por dados do relatório final da Pesquisa Brasileira de Mídia (2016), realizada pela Secretaria Especial de Comunicação (SECOM), que destacam a televisão aberta como a principal fonte de informações para os brasileiros. Essa preferência evidencia o impacto da televisão na construção da realidade social, moldando as percepções e influenciando o entendimento coletivo.

O telejornalismo, portanto, desempenha um papel crucial na forma como a sociedade percebe e entende os acontecimentos. Abrangendo desde a coleta de informações até a redação, edição e apresentação das notícias, ele se adapta às limitações

e oportunidades oferecidas pelo meio televisivo (Temer, 2010). Contudo, é imprescindível reforçar a necessidade de aderir aos princípios éticos e valores fundamentais do Jornalismo nesse processo.

Quando nos voltamos especificamente para as comunidades quilombolas, o impacto dos telejornais em moldar a percepção pública desses grupos se torna evidente. Os telejornais desempenham um papel fundamental na disseminação de informações, exercendo influência sobre a sociedade e contribuindo para a democracia (Squirra, 1990; Rezende, 2000). Porém, a representação midiática não é neutra, e as notícias podem tanto empoderar quanto perpetuar estereótipos.

A representação das comunidades quilombolas nos telejornais é de particular importância, pois influencia a maneira como essas comunidades são vistas e compreendidas. As notícias têm o potencial de desempenhar um papel crucial na conscientização e na busca por direitos, mas também podem marginalizar e reforçar preconceitos. Portanto, é fundamental avaliar o impacto dessas representações e trabalhar para adotar abordagens mais inclusivas e equitativas na construção das narrativas jornalísticas.

De tal forma, este trabalho é um fragmento de uma pesquisa mais ampla intitulada "Ta ni n'sorõ? As representações sociais dos quilombolas nos telejornais da Globo no Maranhão e na Bahia", cujo objetivo foi analisar como os telejornais JMTV 1ª Edição e BATV (filiados a rede globo) dos estados do Maranhão e da Bahia retratam as populações quilombolas. Neste estudo específico, apresento uma análise da representação das populações quilombolas no JMTV 1ª Edição, o telejornal aberto de maior audiência no Maranhão. Como um fio condutor, os resultados desta pesquisa contribuem para a elaboração de novos estudos sobre o tema, abrindo caminho para novas perspectivas de pesquisa nessa área.

METODOLOGIA

Para conduzir esta investigação, primeiramente, realizamos uma pesquisa bibliográfica abordando as construções do conceito de "populações quilombolas" (Arruti, 2008; Leite, 1999; Guena, 2016; Santos, 2020), bem como o telejornalismo (Rezende, 2000; Pereira Junior, 2004; Alsina, 2009; Cerqueira; Vizeu, 2016) e as representações sociais (Moscovici, 2009; Trindade et al., 2014; Siqueira, 2016; Martins, 2017). A

próxima etapa consistiu na coleta de conteúdos jornalísticos sobre o tema "populações quilombolas" na plataforma de streaming de vídeos sob demanda da Globo, a Globoplay. Finalmente, aplicamos a Análise de Conteúdo (Bardin, 2011), uma abordagem quantitativa e qualitativa. De acordo com Herscovitz (2008), o método de Análise de Conteúdo é particularmente valioso na pesquisa jornalística, permitindo a detecção de padrões, como enquadramentos.

Nossa pesquisa foi dividida em três etapas distintas. A primeira fase envolveu uma leitura inicial, conhecida como leitura flutuante, que visa estabelecer uma familiaridade com o material a ser analisado. Nesse estágio, a leitura se aprofunda, impulsionada por hipóteses emergentes e teorias adaptadas, permitindo uma exploração mais precisa (Bardin, 2011, p.126).

A segunda etapa definiu a seleção dos documentos. A escolha do material foi orientada pelas informações relacionadas ao problema abordado, considerando as justificativas delineadas em nossa pesquisa.

A terceira etapa concentrou-se na formação do corpus. Utilizando a técnica de coleta de dados através da plataforma digital Globoplay, buscamos conteúdos jornalísticos com a temática das populações quilombolas. Utilizamos filtros para visualizar os conteúdos jornalísticos, a fim de abordar o problema proposto.

Descobrimos conteúdos jornalísticos veiculados na última década, compreendendo o período entre 2012 e 2019. Vale ressaltar que nossa pesquisa abrangeu todo o período disponível na plataforma, abrangendo de 2012 até o primeiro semestre de 2019. Embora esses anos sejam recentes em relação ao desenvolvimento deste trabalho (2019-2021), são igualmente recentes em relação à data de lançamento da Globoplay, em outubro de 2015. A plataforma oferece produções veiculadas tanto pela emissora central quanto por suas afiliadas. Para essa busca, empregamos palavras-chave como "quilomb⁴", Quilombo, Quilombos, Quilombola, Quilombolas, com o objetivo de localizar conteúdos jornalísticos relacionados ao tema estudado.

A construção do corpus foi estabelecida considerando a exaustividade, conforme orientações de Bardin (2011). Destacamos que todos os elementos, como notas simples⁵

⁴ Utilizamos o radical da palavra "quilombola" por acreditar que outras palavras poderiam surgir a partir dele. E: Quimbanda.

⁵ Notícia sem imagens.

ou notas cobertas⁶, reportagens⁷ e transmissões ao vivo⁸, que se relacionavam às temáticas das populações quilombolas no contexto do telejornalismo, foram incorporados à nossa análise. Encontramos um total de 880 produções após filtrar os dados repetidos de um conjunto inicial de 1.703 produções relacionadas ao tema.

Focamos no JMTV 1ª Edição, o telejornal de maior audiência no Maranhão, que se destaca por sua regionalização e abordagem dos problemas enfrentados pelas comunidades quilombolas. A pesquisa se concentrou no jornalismo e utilizou a Análise de Conteúdo como abordagem qualitativa para examinar os significados e enquadramentos presentes nas mensagens transmitidas pelo telejornal.

A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Fundamentando-se nos estudos da Psicologia Social, a Teoria das Representações Sociais (TRS) tem como objetivo a compreensão de fatos sociais e fenômenos coletivos. Essa área do conhecimento científico, organizada em duas correntes filosóficas, desenvolve-se com foco nos processos de interação social (Wachelke; Camargo, 2007).

A TRS teve origem na França e posteriormente ganhou destaque em diferentes nações do continente europeu e em países latino-americanos. Sua formação ocorreu em um contexto pós-guerra, período caracterizado pela prevalência de estudos positivistas. Aproximadamente na década de 1950, o psicólogo social Serge Moscovici (1979) observou a incorporação de alguns conceitos da psicanálise na sociedade francesa do cotidiano (Moscovici, 1979).

O autor identificou duas formas de produção de conhecimento: uma institucional e outra comum. Por meio de uma recontextualização metodológica e teórica, Moscovici (2009) destacou a relevância e o significado do conhecimento originado do campo popular, com suas trocas sociais, que anteriormente havia sido considerado periférico. A TRS se origina no contexto das obras de Piaget, onde o sujeito desempenha um papel central, e também é influenciada pelas leituras das obras de Durkheim e Lévi-Bruhl, que introduziram o conceito de "representação coletiva" (Moscovici, 1995).

⁶ Notícia coberta com imagens

⁷ Notícia composta pelo off, sonoras (entrevista gravada) e passagem do repórter (não obrigatória).

⁸ Transmissão do fato no mesmo local e no momento ocorrido.

No território brasileiro, a teoria foi incorporada aos centros de debates em meados da década de 1980, um período marcado por uma crise na Psicologia Social. Nesse contexto, houve uma busca por abordagens de cunho marxista, ainda que por parte de um grupo minoritário. As primeiras investigações nesse âmbito foram realizadas por pesquisadores brasileiros que frequentaram cursos na École de Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS) em Paris, durante os anos 1970, e posteriormente desenvolveram suas teses sobre o tema em centros de pesquisa localizados nas regiões Nordeste e Centro-Oeste do Brasil (Almeida, 2009).

Nesse contexto, em conjunto com pesquisadores brasileiros, outros estudiosos latino-americanos encontraram na EHESS um ambiente propício para refletir sobre os problemas que afetavam seus países. O estudo das Representações Sociais (RS) emergiu como uma resposta às questões que surgiram da vida cotidiana, diante das quais os acadêmicos sentiram a necessidade de tomar posição (Almeida, 2009).

A Teoria das Representações Sociais pode ser concebida como um construto teórico-metodológico que tem como foco a análise do senso comum e do compartilhamento de saberes que, em certos momentos históricos e contextos sociais, não foram moldados pelo conhecimento institucionalizado (Wachelke; Camargo, 2007). Além disso, ela tem a finalidade de elucidar o conhecimento periférico, baseando-se nas interações sociais que permeiam a vida cotidiana dos indivíduos e que são essencialmente moldadas pelos processos de comunicação (Moscovici, 2012).

Segundo a definição de Moscovici (2009), as representações sociais são quase tangíveis.

Elas circulam, se entrelaçam e constantemente se cristalizam em nosso mundo cotidiano por meio de palavras, gestos ou reuniões. Elas impregnam a maioria das nossas relações estabelecidas, os objetos que produzimos ou consumimos e as comunicações que estabelecemos. Essas representações correspondem, por um lado, à substância simbólica que está envolvida em sua elaboração e, por outro lado, à prática específica que dá origem a essa substância, de maneira semelhante à ciência ou ao mito que correspondem a práticas científicas ou míticas. Embora a realidade das representações seja compreensível, o conceito em si é complexo. Existem várias razões pelas quais isso acontece, muitas delas de natureza histórica, o que nos leva a confiar aos historiadores a tarefa de explorá-las. No entanto, as razões não históricas podem ser reduzidas a uma única: a posição "mista" das representações no cruzamento entre uma série de conceitos sociológicos e psicológicos. É nessa encruzilhada que devemos nos situar para compreender e revitalizar esse conceito (Moscovici, 2009, p. 10).

Essas representações sociais são formadas por processos de ancoragem e objetivação, conforme definido por Moscovici (2009). A ancoragem consiste em tornar algo estranho e perturbador familiar por meio da comparação com categorias conhecidas, enquanto a objetivação transforma o abstrato em algo concreto e visível. Esses processos são fundamentais para a compreensão da transformação do desconhecido para o conhecido (OLIVEIRA & WERBA, 2012).

A ancoragem e a objetivação são indissociáveis e integram os processos de construção das representações sociais. A ancoragem utiliza categorias familiares e funcionais para introduzir elementos novos, enquanto a objetivação torna concreta uma realidade abstrata. Esses processos ajudam a lidar com o que é percebido como estranho e perturbador, tornando-o compreensível e integrado ao conhecimento existente.

Em síntese, a Teoria das Representações Sociais busca compreender as representações compartilhadas socialmente, suas origens e os processos de transformação.

AS POPULAÇÕES QUILOMBOLAS

As comunidades quilombolas vivenciam uma dinâmica própria. Elas se organizam tanto politicamente quanto fraternamente na busca por mudanças estruturais, como combate ao racismo e superação da desumanização que afetam as pessoas negras no país. No entanto, a ausência de um conceito que englobe essa dinâmica nos faz repensar sobre a experiência desses grupos.

Nessa perspectiva, as ideias propostas por Nego Bispo têm um papel importante. Ele define ser "quilombola" como uma expressão de resistência anticolonialista e uma afirmação de identidade cultural única.

Ser quilombola é ser uma civilização contra colonialista⁹ [...]. O título do nosso livro é colonização quilombos: modos e significações. Então, quando eu falo a palavra civilização eu estou falando de modos, estou falando de jeitos, estou de cultura, estou falando de matriz, estou falando de modo de vida, de jeitos

⁹Santos (2015) compreende por colonização todos os processos etnocêntricos de expropriação, invasão, etnocídio, subjugação e até de substituição de uma cultura por outra. Esses processos não dependem do físico-geográfico em que essa cultura se encontra. Contra colonização é entendido como todos os processos de luta e resistência em defesa dos territórios, as significações, os símbolos e os modos de vida praticados nesses espaços. O autor, mesmo apontando as singularidades e particularidades, trata povos africanos e originários como contra colonizadores e, do outro lado, os povos advindos da Europa como colonizadores, independentes de serem senhores ou colonos (SANTOS, 2015).

de vida. Então, já que os colonialistas dizem que eles são uma colonização. Nós estamos dizendo que somos outra civilização. Somos o contraponto. Aliás, nós somos a primeira civilização. Os colonialistas têm dois mil anos e nós nem sabemos quantos anos nós temos, mas temos muitos mais de dois mil anos (AMARANTE, 2020).¹⁰

Outra definição relevante vem da Associação Brasileira de Antropologia (ABA), que considera as comunidades quilombolas como "comunidades negras rurais" e territórios onde essas populações de origem africana vivem. Essa definição abrange termos como "terras de santo", "terras de preto", "mucambos" e quilombos (O'DWYER apud SANTOS, 2016).

Apesar de terem conquistado direitos, como a inclusão no artigo 68 da Constituição Federal de 1988, as comunidades quilombolas ainda enfrentam desafios na busca pela afirmação, certificação e garantia desses direitos. A situação é complicada devido a mudanças políticas e institucionais.

De acordo com a Fundação Cultural Palmares, o Brasil possui mais de três mil Comunidades Remanescentes de Quilombos, distribuídas por várias regiões. No entanto, apenas uma pequena parte dessas comunidades tem títulos de certificação, o que indica que muitas delas ainda lutam para obter o reconhecimento necessário (FCP, 2021; COMISSÃO PRÓ-ÍNDIO, 2021).

Somado a violência governamental, as comunidades quilombolas enfrentam também a violência física. Segundo o relatório "Racismo e violência contra quilombos no Brasil", produzido pela Terra de Direitos e a Coordenação Nacional de Articulação de Quilombos (CONAQ), entre os anos de 2008 e 2015 há uma média de dois assassinatos por ano.

COMPREENDENDO AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS NO JORNAL: UMA ABORDAGEM A PARTIR DA TRS

Na análise temática das notícias relacionadas às populações quilombolas veiculadas nos telejornais JMTV 1ª Edição, entre 2012 e 2019, identificamos representações sociais geradas pelos processos de ancoragem e objetivação. Os temas

¹⁰ Informações fornecidas por Cris Amarante - Arqueologia Alternativa em 01 de setembro de 2020.

encontrados foram: "**Ser quilombola**", "**Luta por direitos**", "**Invisibilidade**", "**Manifestações culturais**" e "**Violência**". Essas representações sociais refletem a forma como as comunidades quilombolas são retratadas nos telejornais, revelando aspectos centrais e recorrentes na sua representação (BARDIN, 2011).

Durante o período analisado, o telejornal JMTV 1ª Edição exibiu 20 notícias sobre populações quilombolas, representando 0.075% do total. O tempo dedicado a esse tema foi de 54 minutos e 38 segundos, correspondendo a 0.081% do tempo total.

Foram entrevistadas 70 pessoas, sendo 39 quilombolas e 31 não-quilombolas, porém houve uma falta de equidade de gênero nas escolhas das fontes, com predominância masculina. A fonte primária testemunhal foi a mais frequente, presente em 43 ocasiões, seguida pela fonte primária institucional em 18 ocasiões. As fontes primárias oficiais e fidedignas foram utilizadas em cinco ocasiões.

Embora as fontes quilombolas tenham sido mais frequentes, seu tempo de exposição foi menor em comparação com as não-quilombolas. A distribuição temporal das notícias abordou uma variedade de assuntos, com destaque para o mês de novembro.

Não foi identificada uma tendência clara ao longo dos anos. Algumas notícias discutiram manifestações culturais, violações de direitos e desafios enfrentados pelas populações quilombolas.

Identificamos que a representação social de "Ser quilombola", a partir de oito notícias que abordaram essa temática, totalizando 40% do conteúdo analisado em 16 minutos e 56 segundos. Para fim de exemplificação, apresentamos uma análise de uma reportagem veiculada no telejornal citado.

ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO SOCIAL DO SER QUILOMBOLA NO JMTV 1ª EDIÇÃO

Na construção da reportagem, foram utilizados os processos de objetivação e ancoragem para tornar as comunidades quilombolas familiares aos telespectadores. Esses processos estão inseridos na memória social e são influenciados pela construção histórica.

Reafirmamos que a sociedade brasileira foi construída a partir de hierarquias raciais, e é por meio dessa construção que o racismo se manifesta. No caso do telejornal, por meio do processo de ancoragem, ocorre a adequação da categoria "**quilombolas**" por meio da expressão "**descendentes de escravos**". É importante destacar que as

populações negras foram escravizadas. Através do estereótipo, há um esvaziamento do conceito que envolve as populações quilombolas e há também uma suavização dos processos de violência e a escravização.

Nesse sentido, a representação social permite que a sociedade interprete e compreenda uma realidade, influenciando suas ações em relação a ela. O campo jornalístico é fundamentado em crenças e pressupostos compartilhados, que se refletem nas categorias de pensamento e na linguagem utilizadas pelos jornalistas. Essas categorias são essenciais na seleção da realidade social e na criação de produções simbólicas de forma geral.

Outra perspectiva da representação **"Ser quilombola"** é a concepção das populações quilombolas como sujeitos que enfrentam a falta de reconhecimento e pertencimento. No telejornal, os quilombolas são retratados como indivíduos que reivindicam a posse das terras, porém, esses espaços não são reconhecidos como seus.

Expressões como **"exigem celeridade na titulação de terras"**, **"juntam-se ao movimento para reivindicar a propriedade"** e **"lutam para obter títulos de propriedade das terras remanescentes de quilombos"** são comumente usadas nas notícias veiculadas. Os processos de dominação territorial coercitiva no Brasil têm raízes na colonização das Américas e persistem na contemporaneidade. As populações quilombolas têm seus lugares de pertencimento desqualificados e abandonados pelo poder público, enfrentando negação de direitos por parte de diferentes grupos sociais, e é o que vemos na reportagem (FURTADO, 2009).

Essas questões relacionadas ao reconhecimento e pertencimento das populações quilombolas estão intrinsecamente ligadas à importância da terra para essas comunidades. Conforme Leite (1999), a terra é um elemento essencial para os quilombolas, embora não seja o único e central. Essa perspectiva ampla do território quilombola evidencia a necessidade de reconhecimento e respeito aos seus direitos, além de uma compreensão mais profunda das suas relações com a terra e o seu significado para a construção identitária quilombola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

As representações sociais das comunidades quilombolas no telejornal JMTV 1ª Edição refletem percepções e entendimentos influenciados pela construção histórica e

memória social. Estereótipos são utilizados no telejornal para adequar e esvaziar o conceito de quilombolas, suavizando os processos de violência e opressão enfrentados por essas comunidades. As representações do telejornal retratam as populações quilombolas como negros, descendentes de escravos, pobres, subversivos, criminosos, sem lugar de pertencimento, e necessitados de informação e assistência.

A representação desempenha um papel significativo na interpretação da realidade dos quilombolas. No campo jornalístico, as crenças e pressupostos compartilhados pelos jornalistas influenciam a seleção da realidade social e a criação de produções simbólicas. É fundamental uma reflexão crítica sobre as categorias de pensamento e linguagem utilizadas para evitar estereótipos e promover uma representação mais fiel e justa das comunidades quilombolas. Sugere-se investigar produções sobre quilombolas em outras regiões e analisar a existência de critérios de noticiabilidade específicos para essas comunidades, como possíveis direções para futuros estudos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. **TV social: o telespectador como protagonista na televisão em múltiplas telas**. 1. Ed. Curitiba: Appris, 2020.

AMARANTE, C. O que é ser quilombola: Nego Bispo – São João do Pia **Provando comidas bizarras**. 2020. (18m08s). Disponível em: <<https://youtu.be/3XvnaonC0U8>>. Acesso em: 02/ jan/2020.

ARAÚJO, J. **Racismo, violência e direitos humanos: pontos para o debate**. Revista interdisciplinar de direitos humanos, Bauru/SP, v.2, n.1, 156, junho, 2014.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011. Disponível em: <<https://bit.ly/3e1nUVI>>. Acesso em: 02/jul/2020.

COMISSÃO PRÓ-ÍNDIO. **Observatório terras quilombolas**. 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/3dZ0EYF>>. Acesso: em: 03/jan/2021.

FELTRIN, R. **O país da TV aberta** – No Brasil cerca de 80 milhões não tem internet nem TV paga. Só TV aberta. 2020. Disponível em: <encurtador.com.br/FMP57>. Acesso: em 10/ jan/2021.

FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES. **Quadro Geral por Estados e Regiões: Certidões expedidas**. 2021. Disponível em: <<https://bit.ly/2NUti2t>>. Acesso: em 07/fev/2021.

HERSCOVITZ, H. Análise de conteúdo em jornalismo. In: LAGO, C; BENETTI, M.(orgs). **Metodologia de pesquisa em Jornalismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MESQUITA, G; ARAÚJO, D. **TA NI N'SORQ?** As representações sociais dos quilombolas nos telejornais da globo no Maranhão e na Bahia. 2021. Disponível em: <encurtador.com.br/yCVZ9>. Acesso: em 12/ago/2020.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social.**

Petrópolis: Vozes, 2009.

PADIGLIONE, C. **Audiência de telejornalismo explode durante crise do novo coronavírus.** 2020. Disponível em: <encurtador.com.br/IN789>. Acesso: em 10/jan/2021.

PEREIRA JÚNIOR, A; OLIVEIRA, E. 2020. Disponível em: <encurtador.com.br/bfAR5>. Acesso: em 15/ago/2021.

PORTO, M. Enquadramentos da mídia e política. In: ALBINO, A; RUBIM, C. (orgs). Comunicação e política: conceitos e abordagens. Salvador: Edufba, 2004. Disponível em: <https://bit.ly/38puqEO>. Acesso em: 03.jul.2020.

SANTOS, M. **A cultura quilombola e sua presença nos espaços urbanos.** Studium Educationis. Padova/Itália, v.1, n.1, 136, fevereiro, 2016.

SANTOS, A. **Colonização, Quilombos, Modos e Significações.** Brasília: INCTI/UnB, 2015.

OPINIÃO PÚBLICA (SECOM). **Pesquisa Brasileira de Mídia – 2016.** 2016. Disponível em: <https://bit.ly/2AlcOgL>. Acesso: em 09/jan/2020.

SILVA, L. **Saberes, linguagem e dispositivos didáticos: as dimensões da função pedagógica do telejornalismo.** 2018. Disponível em:<encurtador.com.br/cfqJZ>. Acesso: em 14.out.2020.

SILVA, R. **TELEJORNALISMO LOCAL: a construção da identidade cultural no processo comunicativo.** *Aturá - Revista Pan-Amazônica De Comunicação*, 4(1), 200-215 (2020). Disponível em: <encurtador.com.br/agsH2>. Acesso: em 14/ago/2021.

TERRA DE DIREITOS; COORDENAÇÃO NACIONAL DE ARTICULAÇÃO DAS COMUNIDADES NEGRAS RURAIS QUILOMBOLAS (CONAQ) (ORG). **Racismo e violência contra quilombos no Brasil.** Curitiba: Terra de Direitos, 2018.

VIZEU, A; CORREIA, J. A construção do real no telejornalismo: do lugar de segurança ao lugar de referência. In: VIZEU, A. (Org). **A sociedade do telejornalismo**.

Petrópolis: Vozes, 2008.

WACHELKE, J; CAMARGO, B. **Representações Sociais, Representações Individuais e Comportamento**. Revista Interamericana de Psicología/Interamerican

Journal of Psychology. 2007. Disponível <<https://bit.ly/2NZ9Jpy>> Acesso em:

20.set.2019.